

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA  
-JORNALISMO-

FERNANDA ARCANJO SOARES

**O JOGO DE PALAVRAS E O  
BATE-BOLA DE IMAGENS NO TELEJORNALISMO  
ESPORTIVO:**

OS RECURSOS DO TEXTO ELETRÔNICO E AS FORMAS DE APOIO VISUAL EM PRÁTICA  
NO DIA-A-DIA DA COBERTURA ESPORTIVA BRASILEIRA.

Goiânia  
2005

FERNANDA ARCANJO SOARES

**O JOGO DE PALAVRAS E O BATE-BOLA DE IMAGENS NO  
TELEJORNALISMO ESPORTIVO:**  
OS NOVOS RECURSOS DO TEXTO ELETRÔNICO E AS FORMAS DE APOIO VISUAL EM  
PRÁTICA NO DIA-A-DIA DA COBERTURA ESPORTIVA BRASILEIRA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Goiás para obtenção do diploma do curso de Jornalismo-2005.

**Áreas de Concentração:** Jornalismo Esportivo e Telejornalismo

**Orientador:** Prof. Nilton José dos Reis Rocha

Goiânia  
2005

*Ao meu pai, grande incentivador e exemplo na descoberta do prazer pelos estudos e à minha mãe pela dedicação e presença constante durante toda a vida escolar.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao professor e orientador desta dissertação, Nilton José dos Reis Rocha, pela confiança em meu trabalho e esmero pela excelência do resultado. Agradeço-lhe, acima de tudo, por ter compartilhado do vasto conhecimento acerca do tema proposto e contribuído com ricas conversas e reflexões das quais muito levarei por toda a vida.*

*À professora Silvana Coleta pela seriedade e eficiência das correções e acompanhamento durante a elaboração do projeto de pesquisa.*

*“O jornalismo esportivo nos reserva o privilégio de conviver, nas quadras, nas pistas, nos campos e nos vestiários, com os sentimentos maiores e menores do ser humano. Prepare, amigo, a sua alma para o patético e para o lírico, para o amargo e para o sublime, pois, na batalha do esporte, como no match da própria vida, o homem odeia, castiga e perdoa. No esporte, como na vida, não há vitórias nem derrotas definitivas.”*

ARMANDO NOGUEIRA

## 1. RESUMO

O avanço tecnológico experimentado pelas técnicas de comunicação a partir dos anos 70 impõe ao telejornalismo, que até os anos 90 seguia padrões estéticos rigidamente pré-estabelecidos, uma séria revisão técnica e reestruturação dos pressupostos teóricos. De forma pioneira, o esporte, abre as portas para a literatura inaugurando uma rica tendência de expressão narrativa na TV. Neste trabalho, o telejornalismo esportivo será analisado com base nos recursos do texto eletrônico como forma de incrementar a notícia. A proposta é analisar esta área da mídia que não se restringe a informar, na medida em que se propõe a ser para o público um importante fator de gratificação visual e envolvimento emocional. Desvendar os propósitos deste novíssimo fenômeno de mídia no telejornalismo esportivo com seus subsídios literários, elementos diversos lingüísticos, vocabulários e imaginativos, poderá revelar os rumos futuros do jornalismo convencional pautado na objetividade e linearidade narrativas. Talvez esteja no esporte o estopim para a desconstrução nacional do modelo norte-americano de jornalismo, pela forte identidade que esse filão conseguiu com a cultura brasileira por dois motivos: primeiro por ser o esporte, especialmente o futebol, uma paixão nacional, segundo pela narrativa alegre, fascinante, sedutora e pela capacidade de excitar que reside na própria essência do jogo. Contudo, não se trata de aprofundar exaustivamente na questão cultural que norteia a predileção sagrada pelo futebol, o que é, naturalmente, a vertente motivadora do sucesso da representação literária e imaginária do jogo na TV, mas de estudar o fenômeno como fator motivador de mudanças nos padrões estéticos do telejornalismo.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>2.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>3.</b>	<b>SAÍDA DE BOLA.....</b>	<b>9</b>
3.1	PRIMEIRO TEMPO.....	9
3.2	INTERVALO.....	14
3.3	SEGUNDO TEMPO.....	18
<b>4.</b>	<b>MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>23</b>
<b>5.</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>25</b>
5.1	APITO FINAL.....	25
<b>6.</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>32</b>
6.1	PLACAR DO JOGO.....	32
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>36</b>
<b>8.</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>37</b>

## 2. INTRODUÇÃO

Dizer que o texto para TV deve ser breve, esclarecedor e se limitar à resposta das perguntas tradicionais do lead (quem, o quê, quando, onde, por quê e como) e que, qualquer outro complemento seria tão somente documentação, é uma restrição, que, pelo menos no que diz respeito ao jornalismo esportivo, não deve ser encarada com tamanho rigor. Redirecionar os conceitos do que se entende por telejornalismo convencional, pautado na linearidade e objetividade, é a proposta ambiciosa do jornalismo literário, gênero que encontrou no esporte a abertura para os noticiários da televisão. Neste trabalho, a entrada do telejornalismo esportivo no recinto literário será analisada como provável fator motivador de futuras mudanças nos padrões daquilo que se entende por jornalismo convencional.

A inserção da literatura no telejornalismo é resultado de uma preocupação constante com a pretensão de se fazer reportagens que possibilitem a implantação de um mundo que permanece subjacente àquele que encontramos nos noticiários. A notícia passa então, a utilizar-se da perspectiva subjetivista, elemento exaltado no texto do Jornalismo Literário, em complemento ao texto objetivo proporcionado pelo lead.

O fator mais relevante que se deve ter em mente para considerar o pioneirismo da aproximação do telejornalismo esportivo com o gênero literário é que o telespectador, que acompanha as notícias de um time de futebol, apreciador fanático de esportes, além de se manter informado, pode querer buscar neste tipo de noticiário simplesmente um pouco de entretenimento e distração para os problemas do dia-a-dia, diferentemente do que acontece com o telejornalismo convencional diário. Ninguém assiste ao Jornal da Globo ou ao Jornal Nacional para se abster dos problemas cotidianos, até porque é basicamente isso que esse tipo de noticiário leva ao telespectador. Daí as evidências de que uma notícia esportiva não se sustente apenas desvendando as questões básicas de apuração.

Na verdade, pode-se reputar a entrada do jornalismo esportivo no fascinante mundo da literatura à importância do esporte na vida do brasileiro e ao interesse crescente por esse tipo de noticiário. Interesse esse que vai além das notícias triviais e que faz superar o velho formato de cobertura diária em clubes e ginásios

esportivos que parece ter saturado o público. O telespectador assíduo agora se diverte e se emociona com as notícias de seu time e já não mais se satisfaz com a informação pura e simples.

Considerando a aceitação deste gênero de forte apelo emocional e as reações intuitivas dos telespectadores, admitindo e procurando analisar o prazer que os programas brasileiros de cunho melodramático proporcionam, como as novelas por exemplo, é que se entende a tendência e a predileção por um novo modelo estético e artístico que passa a ditar suas normas: emocionante, alegre, intenso demais e muito bem elaborado artisticamente, tal qual a cultura brasileira.

O simples indício, de familiaridade surpreendente com a cultura, explicita o declínio de um determinado enfoque e a pertinência adquirida por outro. No universo cada vez mais saturado dos programas, a inovação técnica do controle remoto manifesta metaforicamente a ruptura ocorrida.

Na programação esportiva da Rede Globo, hoje quarta rede televisiva do mundo, esse tipo de noticiário tem adquirido destaque. Programas como Globo Esporte e Esporte Espetacular, apostam veementemente na interação entre entretenimento e esporte, seguindo os passos dessa nova estética da comunicação. Amparada por uma combinação de tecnologia de ponta e profissionais competentes a fórmula tem tido sucesso na emissora e como se sabe, uma sigla domina a pragmática da Rede Globo: Ibope. Em se considerando os resultados, sem muita adivinhação é possível imaginar que a técnica tem grandes chances de se alastrar por outros departamentos do jornalismo da Globo e ganhar espaço também no jornalismo convencional diário.

Nas páginas que se seguem, serão analisados os indícios da ruptura do telejornalismo esportivo com o jornalismo convencional, com base nos inovadores recursos de texto eletrônico usados para incrementar os fatos noticiosos. A proposta é analisar a função desta área da mídia, que não se restringe tão somente a informar, diferentemente de outros segmentos jornalísticos, cujos princípios norteadores do trabalho, pelo menos no que diz respeito à intenção propagada, seriam de passar ao público a informação de maneira objetiva, isenta e sem rodeios.

Serão analisados no primeiro capítulo, fatos históricos envolvendo o futebol e a paixão que os brasileiros nutrem pelo esporte. Os elementos sugeridos

permitirão concluir que não é à toa que a imprensa esportiva utiliza-se de subsídios literários, arroubos lingüísticos, imaginativos e vocabulários, quase nunca possíveis em outras áreas do jornalismo; existe um fator cultural que é determinante para o êxito do processo. Tem também, e serão apontados, outros fatores motivadores da forte identificação nacional com o futebol.

O enfoque da mídia e os recursos usados serão analisados, tendo como base textos transcritos de reportagens exibidas pelo Globo Esporte e Esporte Espetacular que foram gravadas em vídeo. Considerando os efeitos de um texto enriquecido com poesia e música sobre os sentidos humanos, a análise será feita também em cima das ferramentas de áudio e vídeo mais comumente utilizadas.

Pontuar as estratégias técnicas e instrumentos de linguagem em uso no telejornalismo esportivo permitirá averiguar também os reflexos desta prática contemporânea nos padrões não só éticos, como estéticos do telejornalismo. Desvendar o papel da imprensa esportiva ao longo dos anos e esmiuçar os propósitos motivadores destes inovadores recursos de mídia no telejornalismo esportivo atual, poderá revelar os rumos futuros do jornalismo na televisão brasileira.

### **3. SAÍDA DE BOLA**

#### **3.1. PRIMEIRO TEMPO**

Com mais de cem anos de história, o futebol é incontestavelmente o esporte que mais movimenta as massas; leva milhares aos estádios quase que diariamente. Para os brasileiros, representa uma das maiores manifestações de brasilidade, tamanha a identificação com nossa cultura. O futebol é o jeito, a língua, a religião nacional. A história dá razões para se crer nisso.

A trajetória do desembarque do esporte bretão no Brasil ainda gera controvérsias. Trazido por marinheiros ingleses em 1872 ou por Charles Muller em 1894, o fato é que o futebol encontrou aqui terreno tão fértil como nunca havia encontrado antes em qualquer outro lugar do mundo.

Desde a criação, o esporte começou a se espalhar pelo mundo muito

rapidamente e, no ano de 1900, seis anos após a chegada de Charles Miller no Brasil, os primeiros clubes foram fundados, a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas-SP e o Sport Club Rio Grande, de Rio Grande-RS.

Em 1902, o primeiro campeonato organizado, em São Paulo, teve Charles Miller como artilheiro jogando pela equipe campeã, o São Paulo Athletic. No mesmo ano, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Fluminense Futebol Clube. Outros clubes foram aparecendo, entre eles, o Sport Club Corinthians Paulista, em 1910, e o Clube de Regatas Flamengo, em 1911.

Em 1904, em Paris, foi fundado a FIFA (Fédération Internationale de Football Association), para uniformizar as regras do esporte e regulamentar um estatuto que fosse válido em todo o mundo. Segundo Teodoro Castro Lino, a entidade hoje conta com um número de filiados maior que a ONU, e conseguiu feitos que nem a própria Organização das Nações Unidas foi capaz.

A FIFA, atualmente sediada em Zurich, na Suíça, estendeu seu campo de influência a todas os países do mundo, não só no âmbito desportivo, mas também em outros setores da sociedade, superando barreiras comerciais, políticas e diferenças ideológicas e sociais entre todos durante as competições. Foi o que ocorreu quando as Coréias do Sul e do Norte disputaram a mesma copa, e quando o Irã e o Iraque participaram das eliminatórias asiáticas da Copa de 1994.

Pouco a pouco, depois da fundação da FIFA, o futebol brasileiro foi se organizando. Em 1914, foi fundada a Federação Brasileira de Sport, que surgiu da união entre a Liga Metropolitana do Rio com a Associação Paulista de Esportes Atléticos, que dois anos mais tarde, passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desportos, a CBD. Em 1923, a CBD filiou-se à FIFA.

O primeiro jogo da seleção brasileira ocorreu em 21 de julho de 1914, contra um time inglês que fazia uma visita ao país, o Exeter City. Paulistas e cariocas decidiram se unir e formar uma única equipe. O jogo aconteceu no campo das Laranjeiras, no Rio, e o Brasil venceu por 2x0, gols de Osman e Oswaldo Gomes. Em seguida, a equipe viajou para a Argentina, onde conquistou a Copa Roca, o primeiro título internacional.

Em 1919, o Brasil conquistaria o título sul-americano em torneio disputado no Rio e, em 1922, alcançaria nova conquista continental. Nesta época, já

começavam a despontar os primeiros craques do futebol brasileiro, como Arthur Friedenreich, Armando Del Debbio e Luis Macedo Mattoso, o Feitiço.

A primeira Copa do Mundo teria ocorrido em 1930, no Uruguai e sua realização só foi interrompida durante o período da II Guerra Mundial. Hoje, a Copa do Mundo é o evento esportivo que possui a maior audiência em todo o mundo.

Nas Copas do Mundo de 1930 e 1934, devido à rivalidade entre paulistas e cariocas, o Brasil fracassou, pois contou apenas com jogadores do Rio de Janeiro. Foi então que os dois estados resolveram se unir para levantar o futebol nacional. Nessa época deu-se início a profissionalização do futebol, e na Copa de 1938, o Brasil conquistou um brilhante terceiro lugar.

O futebol brasileiro não parou mais de crescer, e, em 1950, foi sede da Copa do Mundo e, para isso, construiu o maior estádio do planeta, o Maracanã, que abrigou mais de 200 mil torcedores na fatídica final contra o Uruguai. Noite que ficou conhecida como "Maracanasso".

Após essa marcante derrota, decidiu-se trocar a cor do uniforme para dar mais sorte aos nossos jogadores. Surgia assim, o mais importante símbolo do futebol brasileiro, a camisa canarinho.

O Brasil já era reconhecido como uma potência internacional dentro do futebol, mas ainda faltava o título da Copa do Mundo, que veio em 1958, na Suécia. Quatro anos depois, no Chile, os craques brasileiros, comandados por Garrincha, conquistaram o bicampeonato mundial.

Em 1962 e 1963, o Santos Futebol Clube se sagrou bicampeão mundial de clubes. A paixão pelo futebol crescia a cada dia, e se tornou um símbolo nacional, assim como o carnaval. Em 1970, o mundo assistiu a melhor seleção de todos os tempos conquistar o tricampeonato e a taça Jules Rimet em definitivo. Pelé sagrava-se, definitivamente, como o Rei do Futebol.

Entre 1970 e 1994, o Brasil não ganhou nenhuma Copa do Mundo, mas especializou-se em formar craques e grandes equipes, como o Flamengo campeão mundial de 1981, o Grêmio, de 1983 e o São Paulo, bicampeão em 1992 e 1993. A seleção brasileira de juniores foi campeã do mundo em 1983, 1985 e 1993.

Nos Estados Unidos, vinte e quatro anos depois do último triunfo, o Brasil

conquistou o tão sonhado tetracampeonato mundial. Em 2002, nossos craques trouxeram do Japão e da Coréia, o título da Copa do Mundo pela quinta vez em uma campanha surpreendente, principalmente do artilheiro Ronaldo.

Os relatos indicam que não tardou o início, de fato, do processo de popularização do esporte, que se deu logo no princípio do século XX, tão logo o esporte desembarcou por aqui. E que, já no final da década de 10, o futebol começava a ganhar caráter essencialmente brasileiro. Em poucos anos, se conquistaria a fama de ter o futebol mais elegante, mais envolvente, mais vibrante e, com a exposição dos jogadores no cenário internacional, de concentrar o maior número de craques por metro quadrado, fama que o país carrega até hoje.

A admiração pelo esporte cresceu tanto e em tão pouco tempo no Brasil, que ele se comportou como elemento importante, talvez essencial, da experiência de grupos sociais enquanto manifestação cultural. Passando a ser reconhecido pelo domínio público dos brasileiros e de outros povos como expressão cultural tipicamente brasileira, não só pelas glórias em vários e seguidos campeonatos, mas porque revelava o caráter e os costumes exclusivos deste povo.

O futebol protagonizou os processos de descoberta da identificação nacional construídos pelos diversos agentes sociais em integração. Não foram só a ginga e habilidade do corpo para montar um jogo bem feito que permitiram ao Brasil a alcunha do rótulo de “País do Futebol”. Há um fator preponderante que é o modo de vida do brasileiro e suas características inatas

Parece ter havido uma combinação entre o código de futebol e o contexto cultural brasileiro(...)O novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer aos praticantes, mas permitia, principalmente, a vivência de situações e emoções do homem brasileiro (CARRANO, 1998, p.33).

Aqui se podia, e ainda pode, jogar futebol a qualquer hora, em qualquer lugar, seja no campo, na praia, na rua. Com bola de couro, de plástico, de meia ou de laranja. E mais, o brasileiro é um povo de cultura alegre, maliciosa, sarcástica, é o país do carnaval. E a sagacidade desse jogo representa bem o jeitinho brasileiro. Nele se depositam as características de uma cultura essencialmente nativa do Brasil.

Não fossem os fatores culturais, há também o caráter lúdico inerente às necessidades de qualquer ser humano. O esporte caracteriza-se pela consciência de se tratar de uma atividade agradável, que proporciona um relaxamento das tensões da vida cotidiana. O jogo lança sob nós um feitiço: é fascinante, emocionante e cativante. Está cheio de duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia. Além disso é um esporte coletivo em que se compartilham a bola, as emoções, as derrotas e vitórias.

A alegria contagiante do brasileiro, uma paixão mística e alguns dos rituais sagrados desse povo se encontram inexplicavelmente misturados no curioso mundo mágico do jogo de futebol. Há uma identificação platônica entre o jogo e o sagrado. A presença ativa de um certo fator lúdico nos processos culturais reveste essas manifestações da vivacidade, do colorido e da brilhante imaginação que representam no imaginário coletivo.

Como agente catalisador de fenômenos sociais e culturais, a mídia não poderia ficar inerte ao fenômeno. Não cabia à imprensa o papel de mero coadjuvante no processo de popularização do futebol, era preciso ir além do que os olhos podiam ver. Foi quando se descobriu no esporte um grande filão de notícias.

Em um país reconhecido e respeitado pela arte do futebol era quase impossível de que, com competência, não se conseguisse êxito no avanço de um jornalismo esportivo expressivo. Rapidamente, o esporte foi ganhando espaço na mídia em desenvolvimento e se alastrando com sucesso pelos diversos veículos de comunicação. De carona na predileção pelo do futebol, a imprensa brasileira apostou firme na divulgação deste esporte e acabou funcionando também como grande motivadora do interesse por diversas outras modalidades esportivas até então pouco conhecidas.

### 3.2. INTERVALO DE JOGO

De certa forma, a imprensa esteve desde o princípio presente na história do futebol, apostando em um público que aprendeu a mitificar seus ídolos e que, quer saber sempre um pouco mais sobre o mundo dos esportes, indo além do que o factual pode oferecer. Os veículos de comunicação, até por uma questão comercial, foram os grandes responsáveis pela multiplicação dos inúmeros significados que são atribuídos hoje ao futebol e pelo interesse de seus torcedores.

Além de transmitir informação e fornecer entretenimento, a mídia esportiva foi e ainda é responsável pela transformação de atletas em ídolos, em um modelo romântico de aspiração social. De exemplos, temos o caso do tênis, com Gustavo Küerten que, em certos momentos, fez deste esporte uma das paixões nacionais; Lars Grael e Robert Sheidt, do iatismo, que fizeram o Brasil chorar de felicidade com tantas medalhas olímpicas, o campeão Popó, do boxe, entre outros.

Isso ocorre porque, na mídia, a narrativa das trajetórias de vida dos ídolos esportivos, propositalmente, focaliza características que os transformam em heróis, enquanto que as dos artistas da música ou da dramaturgia, por exemplo, raramente salientam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto guerreiro, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e da música, se transformam em celebridades, porém, é importante ressaltar a diferença entre “celebridade” e herói. Enquanto as celebridades vivem para si, os heróis devem agir em prol do outro.

A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna a casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes. Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos.

Deve-se encarar o futebol como um fato social, isto é, algo que exista fora das consciências individuais de cada um, mas que é capaz de

penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando nossos hábitos e costumes. Devido à sua abrangência enquanto manifestação cultural possui o poder de transmitir valores morais, de conduta e de ética - por meio dos veículos de comunicação de massa - consumidos pela maioria da coletividade como um padrão de comportamento (CAPPELLANO, 1999, p.36).

Os êxitos dos ídolos despertam curiosidade. Suas trajetórias rumo à fama são editadas na mídia, enfatizando certos aspectos, relegando outros a um plano secundário e até mesmo omitindo algumas passagens. No Brasil, a imprensa enfatiza sobremaneira a genialidade e o imprevisto dos ídolos como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso.

A seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, por exemplo, é até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando se sabe que, na verdade, a comissão técnica daquela seleção lançou mão de métodos de preparação física dos mais modernos da época. Já a seleção que conquistou o tetracampeonato em 1994 foi criticada por parte considerável da mídia justamente por utilizar de uma “marcação forte” e uma rígida disciplina tática. É justamente esta faceta que gostaria de chamar a atenção, pois ela reforça uma ideologia de sucesso cultuada no imaginário brasileiro.

O rádio foi o primeiro veículo de comunicação a enxergar todas essas possibilidades no esporte. Na tentativa de despertar o imaginário do receptor, as narrações dos fatos esportivos eram transformadas em grandes espetáculos, que muitas vezes, iam além da realidade, exacerbando as qualidades dos craques da bola. Os jogos viravam shows na voz dos narradores, que exaltavam as qualidades do time e dos jogadores com um vocabulário coloquial, bem humorado e também muito elaborado. Do rádio surgiram grandes cronistas esportivos como Mário Rodrigues Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira.

Seguindo a tradição da crônica brasileira, escola mor do telejornalismo esportivo, com Nelson

Rodrigues e João Saldanha, surgiram jogadas geniais, grandes passes, que fundaram uma linguagem brasileira para o futebol, abandonando de vez os anglicismos e nacionalizando de vez a maior paixão do brasileiro. Ali, bem dentro da pequena área, entre radialistas e ativistas da crônica esportiva, foi dado o pontapé inicial. (SOARES, 1994, p.89)

A linguagem radiofônica esportiva, já utilizada na década de 30, foi trazida para a imprensa escrita e serviu como modelo para os outros veículos de comunicação. A década de 70 foi o marco do jornalismo esportivo na imprensa brasileira. Tamanho era o fascínio que esse tipo de noticiário despertava no espectador. Pela televisão, os jogos começaram a ser transmitidos ao vivo.

E como a escola de muitos dos locutores de TV, como Galvão Bueno, Cléber Machado, Luciano do Vale e Sílvio Luís, havia sido o rádio, era muito difícil imprimir à TV um estilo próprio. Os locutores narravam as partidas de futebol na televisão como se estivessem falando no rádio. Ao tentar inovar, muitos eram criticados sob o argumento de que no rádio o imaginário do público é inexato, mas, na tv, com a imagem, você não pode fugir daquilo que se está vendo.

Demorou para que os locutores esportivos abandonassem os jargões e improviso típicos do rádio. Mas dali em diante, estaria próximo o princípio da narratividade jornalística no telejornalismo esportivo brasileiro. No rádio, foram dados os primeiros passos para a criação de um estilo próprio, que traria originalidade às coberturas esportivas.

Conhecendo a crônica como um estilo que oscila entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e insosso de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da alusão ao mundo da fantasia, pode-se assim reconhecê-la hoje, nas matérias esportivas veiculadas pela televisão. Dentre os ingredientes propriamente literários, que com um pouco de observação é possível identificá-los no noticiário esportivo da TV, estão a apropriação de uma linguagem adjetivada, espontânea, acessível, metaforizada e bem humorada.

O que convém aqui, é ressaltar o estilo jornalístico que foi se moldando aos poucos, enquanto forma de ser ver a notícia. Uma espécie de quebra às regras ditatoriais da teoria da pirâmide invertida e do lead foi incorporada também pelos veículos impressos. Mudanças que permitiam ao leitor um maior envolvimento com o fato noticioso. E não apenas a sensação de ler a mesma notícia diariamente.

Neste caso, mudou-se a forma da escrita e, o repórter-escritor, sem abrir mão da verdade dos fatos, passou a se envolver com mais profundidade no seu relato, fazendo um jornalismo mais sensibilizado, e o que é mais importante, desvinculado da estrutura opressiva e compromissada do jornal da grande imprensa.

E o segredo do diálogo possível na formulação e estruturação de uma matéria e na definição do foco narrativo reside justamente na abordagem mais imaginativa da reportagem e no equilíbrio entre inovação a serviço da expressividade e clareza a serviço da eficiência da mensagem.

O futebol não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas(...)o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais mais profundas, como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras (CARRANO, 1998, p.35).

Não há como negar ao jornalismo seu cartão de entrada no recinto literário. Considerando a literatura do ponto de vista da escrita, como estética pura ou como ficção, então sim, teria que ser recusado sua admissão. Como ninguém pode negar ao jornalismo o bom uso da palavra, o ponderado é dizer, nesses casos, que o jornalismo pode se enquadrar ao gênero literário, sendo uma modalidade que apresenta a informação e o compromisso com a verdade como o diferencial.

Assim há, pois, o estilo jornalístico, que, como literatura, passa a ter que atender também a uma exigência estilística: ter o seu próprio estilo, como esplendor do estilo comum ao gênero que adota e ao tema que trata.

### **3.3. SEGUNDO TEMPO**

A escola do Jornalismo Literário teve suas origens na imprensa européia no século XIX, e se consolidou na mídia norte-americana nos anos 40. Nos Estados Unidos, a tendência encontrou o auge nos anos 60 com expoentes como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer; jornalistas-escritores que publicavam seus trabalhos em revistas como *Esquire* e *New Yorker*.

A corrente influenciou jornalistas de todo o mundo. No Brasil, a revista *Realidade*, sobretudo no período de 1966 a 1968, e o *Jornal da Tarde* são os principais exemplos de veículos que traziam matérias literárias.

Esta modalidade defende a prática da reportagem, grande-reportagem e do ensaio jornalístico de forma mais ampliada do que a realizada pela escola do jornalismo convencional, que possui estrutura mais rígida e que sugere o emprego indispensável do lead. Mas a proposta do Jornalismo Literário vai além da revisão da arquitetura do texto.

O Jornalismo Literário não abre mão da apuração ética e criteriosa utilizada na cobertura noticiosa. Contudo, possui ferramentas que permitem ao repórter captar a realidade com mais profundidade. Além disso, oferece recursos inspirados na literatura que permitem a construção de narrativas mais atraentes. O resultado é diferenciado: textos envolventes, criativos, humanizados e sintonizados com tendências contemporâneas. (LIMA, 1969, p.38)

Outro diferencial é o resgate do texto de autor, visto que o jornalista literário possui maior liberdade temática na abordagem da pauta, na angulação das imagens, nos recursos de captação da informação, na redação e edição do texto.

O veículo por excelência do Jornalismo Literário é o livro-reportagem. Contudo, exemplos da modalidade podem ser encontrados com certa frequência em jornais, revistas, documentários feitos para o cinema e, a partir da década de 90, também na televisão.

É o caso das matérias feitas pelos jornalistas Regis Roesing, Tino Marcos, Fernando Rocha e Pedro Bassan para o Globo Esporte e o Esporte Espetacular, que inauguram na TV aberta a interseção do telejornalismo esportivo com a Literatura e, por isso, são citados com referências neste trabalho.

Para mapear as principais influências da literatura na prática jornalística é preciso antes, entender os critérios de contestação ao modelo adotado pela grande imprensa, modelo esse que será tratado aqui por jornalismo convencional.

No caso específico do Jornalismo Literário ou New Journalism, como também é conhecido o gênero em questão, esta contestação se dá pelo investimento na experimentação estética do discurso jornalístico. Essa é a característica fundamental deste fenômeno, o que o coloca em choque frontal os valores sobre os quais se assenta a concepção característica da linguagem jornalística tradicional.

O assunto rende um tom preponderantemente polêmico por se instalar em uma zona de conflito dada pela ética. O que está em jogo é a territorialidade demarcada por valores do jornalismo e da literatura sedimentados ao longo do processo histórico, e que os estratificam na lógica da expansão do mercado editorial. É que a emergência dessa nova maneira do jornalismo de representar o mundo arroga para si a legitimidade que na literatura foi conquistada pelo realismo, onde a referencialidade e a perspectiva são características fundantes de uma estética singular.

O realismo demarca um território fundamental para a literatura no modernismo: a emergência de uma estética em que a linguagem é vista como matéria-prima a ser moldada através da experimentação. Em nenhum momento o realismo busca uma concepção da linguagem atrelada ao conteúdo, mas ao

refino de uma potência expressiva na representação da própria condição de discurso. No realismo não se constroem representações fundamentadas no registro legítimo da linguagem equivalente à realidade, mas na realidade da linguagem propriamente dita, ou seja, impera a supremacia da forma.

No confronto entre o realismo e o naturalismo na literatura em relação à forma de se expressar, reside o dilema da legitimação discursiva reivindicada pelo jornalismo. "Invoca-se em vão o nome do realismo, que se procura confundir com o naturalismo. Realismo, quer dizer, discurso carregado de referencialidade, não é sinônimo de naturalismo. Ao contrário. O discurso realista não camufla a perspectiva". (Leminski, "Folha de S.Paulo, 04/07/1982).

Para Leminski, o jornalismo deve buscar legitimar o valor sua forma discursiva através de uma assimilação do naturalismo. Neste, ao contrário do realismo, é o conteúdo e não a forma, que é visto como determinante no plano da linguagem. O naturalismo pode aqui ser entendido como uma estética na qual a experimentação da linguagem é vista como uma consequência e não como uma causa.

A neutralidade e objetividade do discurso jorno/naturalista é uma convenção. Assim como a clareza. Já na literatura, não há texto literário sem perspectiva, quer dizer, sem intervenção da subjetividade. No texto naturalista (ou jornalístico), essa perspectiva é camuflada, sob as aparências de uma objetividade, uma universalidade que - supostamente - retrata as coisas 'tal como elas são'. (LEMINSKI, "Folha de S.Paulo", 04/07/1982).

É o que alguns críticos chamam de "efeito do real" inerente ao jornalismo, especialmente à TV, que por seu efeito de mobilização, faz crer no que vê. Daí a origem dos protocolos que sedimentam uma discursividade construída sobre a transparência do conteúdo jornalístico, obrigação que a literatura, mas propriamente o realismo, não tem. E é esta a diferenciação que fundamenta o jornalismo no plano da linguagem.

Os manuais modernos de redação trazem algumas das restrições impostas à linguagem do texto jornalístico. Segundo Nilson Lage, o texto jornalístico deve ser objetivo, direto e conter informação conceitual, o que significa suprimir usos lingüísticos pobres de valores referenciais que só serviriam para dar brechas às mais variadas interpretações. “Os adjetivos testemunhais e as aferições subjetivas devem ser eliminados” (1986, p. 40). Esses mesmos valores são endossados por Ricardo Noblat.

Foi a convivência com as limitações diárias que fez jornalistas reivindicarem a força poética na recuperação de uma potência realista da linguagem no jornalismo. O embate foi estabelecido em nome de maior liberdade narrativa.

Para alguns autores, o que caracteriza o New Journalism é uma atitude crítica em relação ao formato tradicional já sedimentado. Afirmção que encontra sua expressão na experimentação estética, que carrega o texto jornalístico de referencialidade em um movimento oposto ao investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício extra e, em nenhum momento se constrói nada que encubra este estatuto. Isto faz com que a discursividade do New Journalism seja caracterizada por carregar a linguagem de subjetividade.

Para Leminski, “a verdade do discurso jornalístico tradicional suprime uma verdade anterior, essa da linguagem enquanto artifício.” E o telejornalismo não escapa de experimentar a tendência exposta. Muito recentemente, é verdade. Até porque, o debate de um novo perfil se tornou fundamental para romper com o mito da informação pura e simples; dimensão pela qual ele se tornaria obsoleto diante do que permitem as novas tecnologias.

Como visto, o fenômeno do New Journalism tem uma abordagem relativamente recente nos estudos sobre jornalismo no Brasil. Textos de Edvaldo Pereira Lima, Fernando Resende, José Salvador Faro, Alceu Amoroso Lima e Marcos Faerman, abrem essa discussão que problematiza o jornalismo a partir da sua intersecção com outras formas de construção de relatos e narrativas, como a literatura e a história.

Tal perspectiva tem como horizonte a discussão das possibilidades de ampliação dos recursos pelos quais o jornalismo se firmou como prática discursiva. De maneira convergente, estes autores partem do New Journalism como uma referência pela qual se pode projetar uma ruptura com o modelo de

texto noticioso que invadiu as redações dos periódicos brasileiros a partir da década de 60.

Aparentemente, a primeira vez no Brasil que o termo New Journalism emerge diretamente relacionado ao fenômeno da televisão é no começo da década de 90, com reportagens produzidas por repórteres da TV aberta para o Globo Repórter, o Globo Rural e para programas esportivos como o Globo Esporte e o Esporte Espetacular cujas matérias, hoje, evocam quase que diariamente esses recursos literários.

O Esporte Espetacular, aliás, nasceu para atender a esse propósito. Inspirado no Wide World of Sports, exibido pela rede americana ABC, o Esporte Espetacular inovou a linguagem televisiva na área dos esportes. Seguindo essa tendência há 30 anos, o programa dominical é um dos mais antigos da TV Globo, estreado em 8 de dezembro de 1973.

Depois de dois anos fora do ar, o Esporte Espetacular voltou em 1992 reformulado e em novo horário. Por atingir um público jovem, o programa passou a investir forte no humor com clipes, brincadeiras, charges e edições ousadas. O jornalismo-ecológico também foi explorado.

No final de 1996, o Esporte Espetacular retornou às manhãs de domingo, seguindo a tendência das transmissões esportivas dos anos 90, que privilegiavam os eventos ao vivo. Hoje, quem assiste ao programa tem a oportunidade de assistir a reportagens radicais, aventuras, quadros e matérias especiais, com um enfoque diferenciado.

Além do humor, herança do modelo norte-americano de comunicação, a grade do programa apresenta o gosto por um ilusionismo visual de impacto, embalado por uma sonoridade melodiosa, abusando sempre da intensidade, o que culmina na geração de estados emocionais catalisadores de credulidade e adoração aos ídolos do esporte.

As imagens de impacto evidenciam alta tecnologia e dinheiro. Existe ainda a perfeita sintonia entre repórteres e cinegrafistas, sempre imbuídos de um mesmo ideal; oferecer fascínio aos telespectadores. É a articulação entre técnica e texto que apresenta a maior eficácia, pois gratifica aos olhos das mais variadas formas em sua operação de tornar visível a emoção. E é essa combinação de

sentimentalismo e prazer visual que tem garantido ao programa a hegemonia na esfera dos programas esportivos da TV aberta.

O fato é que hoje, a mais de um quarto de século de formação criativa e revolucionária, nossos telespectadores tornam-se críticos ativos e não receptores passivos e alienados das regras impostas por uma programação vazia, de humor pobre, forjado no modelo norte-americano. Entretanto, permanece inerente ao projeto televisivo a tensão entre o divertimento e a missão pedagógica, entre o lucro obtido como os gêneros de grande sucesso e a proposta de uma fruição estética mais elaborada.

Passados todos esses anos desde a concepção de um padrão de jornalismo para TV, os méritos são de ter alterado a idéia da supremacia do conteúdo sobre a forma; ter sublinhado a importância do impacto sensorial e dos fatores culturais em detrimento de uma tradição de pensamento propensa a considerar as mídias apenas como manipuladores das consciências; enfim, de ter insistido na interação entre as diferentes mídias que evoluem conjuntamente a partir do desenvolvimento tecnológico e da identidade cultural.

#### **4. MATERIAIS E MÉTODOS**

Para cumprir os objetivos propostos neste trabalho e testar a hipótese de que a tendência do telejornalismo esportivo é de romper com as técnicas narrativas do jornalismo convencional, a metodologia utilizada foi a que Marina Marconi denomina como Documentação Indireta do tipo Pesquisa Documental com fontes não escritas (1982, p. 67) e como fonte paralela de estudos, a pesquisa do tipo Bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica consistiu “no levantamento de toda a bibliografia já publicada e que tenha relação com o tema de estudo” (1982, p.58). Esses documentos “permitem ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações”. Como ainda é escassa a bibliografia que trata objetivamente do tema em questão, foram levantados livros que tratam dos assuntos envolvidos indiretamente na temática, que seriam as características da linguagem do jornalismo no rádio e na televisão e a influência

do futebol na vida dos brasileiros. Nestes casos sim, foram encontrados vários livros e artigos.

No entanto, o método principal consistiu na análise do formato e conteúdo das matérias telejornalísticas para se obter na prática, as informações as quais se desejava comprovar. A documentação foi indireta porque os dados foram levantados por meio da gravação dos programas televisivos Globo Esporte e Esporte Espetacular, que vão ao ar pela Rede Globo. A pesquisa é considerada documental porque os materiais transcritos serviram como documentos que foram analisados durante o trabalho. A fonte é não escrita porque o objeto escolhido tratava-se de um, no caso dois, programas televisivos. Por se tratar de um trabalho de análise de recursos de linguagem, a única técnica que possibilitaria a comprovação dos dados seria a proposta, a partir da transcrição das gravações.

Usando como instrumento de investigação, os vídeos gravados e os textos transcritos do conteúdo das matérias exibidas diariamente pelos referidos programas esportivos foi possível obter dados relevantes para a observação dos dados mencionados no trabalho e suficientes para a comprovação da hipótese levantada.

Os textos e vídeos obtidos permitiram debater sobre as estratégias de elaboração das matérias esportivas, incluindo os processos de captação de imagens, formatação de texto e edição, e ainda, analisar as formas de manifestação do público acerca dos elementos que caracterizam o esporte espetáculo, que faz uso de recursos literários.

Tendo os meios de comunicação, no nosso caso a televisão, como fator significativo na relação com o espectador e os reflexos dessa interação nos índices de audiência, percebeu-se também a possibilidade de algumas mudanças promissoras nos padrões éticos e estéticos do jornalismo contemporâneo.

Pelo fato da pesquisa ter sido toda norteadada por uma metodologia qualitativa, dentre as suas possibilidades, tornou-se possível aprofundar no método de análise de conteúdo. Tal método consiste em uma sistematização de conceitos que permitem codificar e descrever os significados relativos à produção e recepção da mensagem. É bom ressaltar que a proposta não visou, em momento

algum, a análise comportamental do receptor e tampouco os méritos e deméritos da Teoria da Recepção.

A escolha deste método foi utilizada unicamente para a observação e análise dos seguintes grupos temáticos:

- a. Relevância histórica do noticiário esportivo na audiência/ Preferência do público
- b. Técnicas de linguagem empregadas/ Recursos de Vídeo
- c. A relação cultural entre as modalidades esportivas e o público, especialmente no futebol.
- d. A relação atleta/ídolo

Para tanto, foram gravadas matérias exibidas pelos referidos programas esportivos, em dias aleatórios, durante o período de 15 dias. A apreciação se constituiu da análise descritiva, tomada de notas e inferência sobre o conteúdo das chamadas e matérias na fala do apresentador, subdivididas em grupos de gêneros jornalísticos (nota simples, nota coberta, reportagem, comentário/ opinião, debate, charges /caricaturas, interativo), categorias de mensagens (heroísmo/ exacerbação individual, exaltação positiva de um fato, exaltação negativa de um fato, traços relativos à violência), modalidades esportivas, agentes esportivos, e por fim e principalmente, transcrição dos conteúdos das mensagens em matérias esportivas.

## **5.RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **5.1. APITO FINAL**

“É a vida...o trabalhador sai de casa e se despede da filha para começar sua jornada, debaixo de sol forte. Outros trabalhadores também esperam um igual dia difícil. É porque tanto os de camisa branca, como os de camisa listrada querem a mesma coisa.” (ROCHA, 2005, ANEXO B)

O que pode parecer um trecho extraído de um romance, pela carga narrativa e sentimentalismo, é na verdade, parte do OFF de uma matéria esportiva.

Como diz Nilson Lage (1986, p. 34), a morte do idioma nos meios audiovisuais é pura fantasia. Não só neles falam, como neles se escreve cada vez melhor. E mais, as editoras de livros se multiplicam e, se os jornais vendem proporcionalmente menos em parte do mundo, isto se deve a táticas editoriais que não têm correspondido à demanda de conceitos, mas isso já é outra questão.

Os recursos tecnológicos requerem criatividade dos repórteres para serem bem aproveitados. Casar a palavra certa com a imagem adequada e devidamente angulada, pode render construções audiovisuais incríveis.

Em se tratando da mídia televisiva, um fato para ser noticiado além de ser de interesse do público, deve despertar a atenção dos telespectadores, seja através da oralidade ou das imagens. Há sempre uma intenção em se divulgar algo. E para que o objetivo da exposição de determinado assunto seja alcançado, as empresas jornalísticas têm investido em vários recursos adicionais.

Ao obedecer às leis de mercado, o jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato. Na TV, isso fica ainda mais evidente se for considerado o fator tempo. Isso, porém, não deve eximir jornalistas de uma atividade crítica, com argumentos criativos e bem fundamentados e tampouco do esmero com a língua portuguesa, do aperfeiçoamento e cuidado com as palavras.

Para Edvaldo Pereira Lima, é errado fazer uma barreira intransponível entre o jornalismo e a literatura. Ele ressalta que existem jornalistas que fazem questão de dizer: “Nós somos jornalistas, nós fazemos jornalismo, isto é jornalismo. Não tem nada que ver com literatura”. Para o autor, literatura e jornalismo estão cada vez mais próximos, como nunca estiveram.

O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários.

Porque o literário não é apenas o ornamento.  
(LIMA, 1995, p.139)

Sons agradáveis ou não, associados a imagens de todo gênero, respaldadas por um roteiro pré-elaborado podem intensificar e produzir sentimentos. Um texto enriquecido com poesia e música, indiscutivelmente, atua sobre os sentidos humanos, ativando emoções distintas. Conhecendo esta realidade, é compreensível que os meios de comunicação utilizem recursos sonoros e literários a fim de influenciar na recepção das mensagens, mesmo que este recurso carregue consigo certa carga entretenimento.

Não só a cobertura esportiva, mas toda a programação da televisão brasileira, forjada no modelo americano, traz em sua grade uma preocupação fundamental com o lazer. De fato, quase a totalidade da programação é voltada para esse aspecto, de entreter o telespectador. Nos noticiários televisivos cultiva-se a prática de alternar matérias leves, mais descontraídas ou de cunho comportamental, com as matérias mais pesadas do dia, por assim dizer.

E essa não é a única preocupação. A competição entre os veículos de comunicação faz crescer a busca por ferramentas e técnicas diferentes de trabalho. O velho formato de cobertura diária em clubes e ginásios esportivos não funciona mais. A fórmula de sucesso agora, ao que tudo indica, parece ser outra.

Flaubert<sup>1</sup> dizia que “é preciso pintar bem o medíocre”, isso talvez justifique o ofício de repórteres esportivos que convivem diariamente com uma limitação terrível de pautas e que, por isso, precise introduzir em suas matérias certa originalidade, tornar extraordinário o ordinário, como caracterizou Bourdieu. Este, discorrendo com certo rigor sobre o assunto, afirma que: “A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento, e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico” (1997, p. 25).

---

<sup>1</sup> Flaubert, Gustave: Escritor francês. Flaubert é um artista completamente dedicado a aperfeiçoar sua arte. Ele leva à perfeição o romance realista e consegue a mais completa harmonia entre a arte e a realidade. Para ele, a verdade e a beleza estão unidas; por isso põe tanto cuidado na sintaxe e na escolha do vocabulário e concede tanta importância à estrutura de um texto.

No caso do futebol, a catarse proporcionada por este tipo de noticiário, além de saciar a paixão do torcedor e assíduo telespectador, serve de alívio momentâneo para os gravíssimos problemas sociais do Brasil e do mundo, noticiados a todo instante.

O problema é, como observou Bourdieu, quando a TV passa a funcionar como instrumento de criação e dramatização da realidade e não mais de registro. Repensar o papel dos meios de comunicação na formação da consciência ideológica do público também é dever dos comunicadores.

Dispondo de uma força excepcional que é a da imagem televisiva, os jornalistas podem gerar efeitos sem equivalentes. O risco inerente à televisão é que ela pode fazer ver e fazer crer naquilo que ela mostra. Por seus efeitos de mobilização ela é capaz de desencadear sentimentos fortes tanto bons, como paixão e devoção a um time de futebol, como efeitos mais graves como racismo, xenofobia e medo, dependendo do poder de recepção.

A própria realidade midiática com seus inúmeros recursos tecnológicos é que faz com que o conceito de realidade deixe de ser operacional e entre em desuso. Ao subordinar a qualidade da informação aos índices de audiência, os equipamentos e técnicas de produção precisam estar ativos o máximo de tempo possível e serem potencialmente eficientes. É “a tecnologia a serviço do homem”, jargão que nesse caso, permite múltiplas reflexões a partir do momento em que o jornalista passa a ter que lidar com um leque de inovações: infundáveis recursos de áudio, de vídeo, tecnologia de edição, etc.

Se o estilo comum do jornalismo exige certas condições intrínsecas e rigorosas, o estilo próprio admite, como sempre, a máxima liberdade. Desde que preenchidas as condições comuns tais qual, precisão, clareza e concisão, então a liberdade, em vez de ser condicionada pelo gênero, é uma exigência dele mesmo e da condição própria do jornalista.

Neste terreno, onde cada qual é seu próprio guia, é preciso atenção para não incorrer a erros comuns à supervalorização do estilo, tal qual a superficialidade ou o sensacionalismo, já que existe e é natural, a tendência em dar ao acontecimento, ao fato em si, um valor exagerado, depreciando as idéias, o plano das coisas do espírito ou da abstração para dar à notícia uma atmosfera de

sensações. Ao passar do plano do racional ao plano passional é necessário cuidado para com as armadilhas do gênero. Elas não cabem no jornalismo.

Como a paixão habita o terreno do irracional e o jornalismo lida na maior parte do tempo com fatos concretos - tudo deve ser comprovado -, exagerá-la significa comprometer o alto grau de credibilidade que a sociedade deposita na imprensa (CAPPELLANO, 1999, p.56).

Contra o império da estrutura e a idéia de permanência e de reprodução estática a ela associada, lança-se o status do insignificante, do anônimo, do efêmero, do incidente, do fato comum, do instantâneo. De forma errônea, algumas das novas tendências preferem partir da gratificação proporcionada pelos gêneros populares, mesmo se na base da alienação incorrendo a fofocas, mexericos e sensacionalismo barato.

De qualquer modo, a definição da popularidade não pode omitir esta adesão emocional e mesmo passional das audiências do espetáculo. O gênero em questão; jornalismo literário carrega consigo o mérito por revalorizar os temas do cotidiano, as experiências que se realizam no ordinário da cotidianidade, sem deturpá-las, no entanto.

Com o singular apertar de teclas que o controle remoto proporcionou, foi dada a largada para a busca da excelência da qualidade da informação nos quesitos conteúdo e forma. E estes caminhos artesanais da televisão marcam de forma espetacular a intervenção das audiências na negociação do texto e da significação. É preciso ser muito bom para ganhar a predileção do telespectador.

Em termos de imagens, destaca-se hoje a hegemonia do modelo Hollywoodiano, a expressão mais notória no plano internacional desta enorme intertextualidade gerenciada pela indústria da imagem. Justificada pela necessidade de importunar constantemente a atenção do espectador por meio de uma condensação do espetacular e de concentração no plano simbólico, as técnicas em uso estabelecem de maneira fantástica uma ponte entre os olhos e o

coração, o que, no caso do futebol, não é nada difícil. A paixão está à flor da pele.

O Jornalismo literário é a tradução dos fatos, da realidade, fazendo uso das técnicas narrativas da literatura. Diálogos, descrições minuciosas do rosto, dos lugares, das épocas e alternância do foco de narrativa. É válido usar vários focos narrativos, inclusive o de primeira pessoa. Afinal o repórter existe e pode usar a primeira pessoa ao fazer *flashbacks*, narrativas não lineares.

Estes recursos inserem o público em um mundo muitas vezes desconhecido, temido ou distante; contam a história de maneira romanceada, quase lúdica em alguns casos, prendendo a atenção e distanciando-se dos padrões de jornalismo aos quais estão todos acostumados.

As matérias esportivas exibidas pela Rede Globo, gravadas em vídeo e transcritas em anexo, deixam claro a preocupação crescente com a estética da notícia. Existem sim e ainda são maioria, as matérias tradicionais que seguem os preceitos básicos da cartilha do jornalismo, mas um número cada vez mais significativo de matérias especiais invade diariamente a programação da televisão brasileira.

Repórteres como Pedro Bassan, que faz a cobertura especializada da Fórmula 1; Tino Marcos que cobre a Seleção Brasileira; Fernando Rocha, da editoria de futebol em São Paulo e Régis Roesing, do Rio de Janeiro, têm emplacado matérias de grande destaque no noticiário esportivo, todas elas de cunho essencialmente literário, no que diz respeito à construção de narrativas mais atraentes.

Os OFFs dos repórteres são sempre muito envolventes, romanceados e as imagens intrinsecamente casadas com a narração, deixando também evidente a parceria eficiente entre repórter e cinegrafista. Há ainda o trabalho imprescindível da equipe de edição de imagens, que, além da escolha das melhores cenas, ainda é responsável pela seleção das trilhas musicais, sempre muito pertinentes, diga-se de passagem.

Quando se restringe o foco na cobertura do futebol, fica ainda mais evidente o esmero dos profissionais e o empenho em traduzir no texto a emoção dos torcedores apaixonados. A imersão do repórter na realidade, a voz autoral, o estilo, o cuidado para se alcançar a precisão de dados e informações, o uso de

símbolos, inclusive muitas metáforas, digressão e humanização, são elementos que enriquecem as matérias e imprimem sentimento à narrativa.

Prevalece e, muitas vezes é a intenção do repórter, e eles de fato têm liberdade também para isso, uma tonalidade reflexiva, irônica, que se faz estilo encenação, havendo sempre o toque moderno de não-inocência nas relações entre câmera e cena, música e emoção.

“Tiros curtos de 50 metros e um pouco mais compridos de 200 deixaram muitos árbitros de boca aberta.

A insistência em manter a cara de poucos amigos encontrava resistência. Ô, Wilson de Souza Mendonça, dá um sorrisinho. Isso! É melhor rir para não quase chorar, como Héber Roberto Lopes. Preparou, arrancou, se transformou. Um assistente que carrega a profissão no sobrenome; Eric Bartolomeu Antas e Silva Bandeira.” (RÖESING, 2005, ANEXO C)

Quantas foram as vezes em que Régis Roesing surgiu detrás do gol no momento exato de anunciar Gol? (à exemplo da passagem transcrita no anexo A). É verdade que para conseguir a façanha e dar ao lance o tom inesperado que ele pede, o repórter deve repetir o gesto inúmeras vezes até que realmente acerte, afinal é impossível prever o Gol, por mais habilidoso que seja o atacante e mais adivinho que seja o repórter!

Apesar da consciência parcial do caráter fictício das coisas, a magia do momento embesbece o telespectador. Efeitos de áudio e vídeo, os quais o telespectador leigo desconhece, trabalham a serviço do repórter e ajudam no processo de imaginação criadora.

E é essa combinação de sentimentalismo e prazer visual que tem garantido ao gênero literário espaço crescente no telejornalismo esportivo. Trata-se do início de um processo de experimentação criativa dentro de um universo muito fértil que envolve paixão acima de tudo. A hegemonia do futebol na esfera dos

espetáculos é também uma forma canônica de um tipo de imaginação que tem manifestações mais elevadas na cultura brasileira.

A exploração do imaginário para culturas que permaneceram mais afastadas da razão analítica e mais próximas do afetivo e das formas de organização da experiência coletiva rompe o isolamento hedonista do indivíduo abstrato das grandes metrópoles pós-industriais. Implicitamente, estas culturas trazem às civilizações da palavra escrita, a polissemia da magia. (HUIZINGA, 2004, p. 47)

## **6. CONCLUSÃO**

### **6.1. PLACAR DO JOGO**

O futebol é uma paixão nacional. A velha frase parece bem surrada, mas é sempre muito atual. É impressionante a repercussão que os fatos ligados a esse esporte tem na alma do povo brasileiro. O futebol bem jogado, é incontestavelmente uma bela forma de arte. Assistir aos grandes clássicos, vendo o colorido das torcidas rivais e a habilidade dos jogadores com a bola, é como um espetáculo de ópera. Basta observar, não é preciso sequer participar, tampouco gostar do esporte. É questão de análise e um pouco de sensibilidade.

Oswald de Andrade dizia que a poesia existe nos fatos. Não há artistas indiferentes à realidade, de alguma forma, são todos socialmente ativos. Partindo de experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade e, por meio desta criação, consegue transmitir seus sentimentos e idéias ao mundo real, de onde tudo se origina. Trabalhando com a palavra, o artista literário busca expressão formal, ritmo, estilo e linguagem que proporcionem um prazer estético na leitura.

Assim acontece também com o jornalista. E o jornalismo esportivo, seguindo a tendência do gênero literário, passa a ter como pré-requisitos a criatividade, a sensibilidade e a imaginação. Além de não ficar indiferente aos fatos sociais e à

verdade, também se apresenta preocupado com a estrutura textual ao redigir uma matéria.

Uma forma moderna de fazer jornalismo invade hoje o noticiário televisivo, e não é só no esporte. A televisão em geral, tem englobado conceitos revisados, que utilizam a liberdade e incorporam mecanismos de sedução e entretenimento na elaboração de um texto. É a possibilidade do jornalista, como o artista, transmitir a realidade que presencia. Assim como os escritores, os jornalistas são artesanais e estilistas na carga poética das notícias.

Embora um programa esportivo não seja propriamente um veículo literário, não tenha um padrão puramente estético, nem objetivo único de entreter, ambos, literatura e futebol, são espetáculos que fazem parte do cenário nacional. Um texto esportivo, como o futebol, dá dribles vocabulares, tem malícia e molecagem. E são nesses trabalhos jornalísticos, que pode-se notar pontos em comum com a literatura.

O jornalismo esportivo, comprometido com a realidade, oferece um campo que permite uma visão ampla do mundo do futebol, não se limitando aos fatos. Tem curiosidades, particularidades dos ídolos, notícias de bastidores, intimidade de atletas e o texto criativo é o tempero disso tudo. O jornalista apura e presencia o fato, ou seja, parte dos fatos reais para redigir, interpretar, criticar, e tentar abordar o que faltaria em um noticiário puramente jornalístico.

Os anexos A, B e C, a exemplo do citado, contêm matérias produzidas por jornalistas esportivos que apostam nessa tendência da narratividade do texto produzido para a televisão. Muitas vezes, o que poderia ser considerado uma pauta banal, a cobertura de um evento esportivo sem qualquer importância, torna-se espetáculo na narração destes profissionais. Uma série de testes para selecionar árbitros para compor o novo quadro da FIFA renderia uma matéria factual e desinteressante não fossem os recursos sonoros e literários que o repórter Régis Roesing lançou mão para incrementar a notícia (anexo C). As imagens minuciosamente casadas com o OFF explicitam a sintonia entre repórter e cinegrafista e depois, o trabalho preciso do editor de imagens.

A cobertura de dois jogos quaisquer, nenhum clássico por assim dizer; Botafogo e Flamengo, Corinthians e Santos, jogos importantes sim, mas dentro do contexto em que estavam incluídos, que no caso eram as etapas finais do

Campeonato Brasileiro 2005. Um trabalho medíocre traria os melhores lances das partidas de forma técnica e encerraria o OFF com o placar do jogo.

Atentos a todos os detalhes, alguns incapturáveis a olhos nus, outros que passam despercebidos, Régis Rõesing e Fernando Rocha (anexos A e B, respectivamente), literalmente brincam com a imaginação do telespectador e imprimem magia aos lances, fazendo do jogo um verdadeiro show de bola, com a permissão do trocadilho.

Alguns assuntos logicamente requerem mais cuidados para serem tratados desta forma, nem todos permitem arroubos literários. O futebol, que mexe com paixão e emoção, é um caso a parte, salvo algumas matérias excepcionais de denúncia, como os que presenciamos recentemente, no caso das irregularidades de árbitros da FIFA que vieram a público e escandalizaram o país.

Apesar da corrupção inerente ao meio esportivo, o que já é do conhecimento de todos, temos a vantagem do futebol brasileiro permitir aos jornalistas esportivos um trabalho diferenciado do resto do mundo. O futebol daqui é conhecido como sendo um futebol-arte, que faz parte da cultura do país, um modo de expressão artística do povo brasileiro. O jogo se tornou patrimônio cultural da sociedade. As matérias jornalísticas são conduzidas pela valorização do talento e alegria dos jogadores e pela ofensividade das equipes durante o jogo, e não somente pelos resultados obtidos pela equipe.

O modo convencional de apuração e transmissão dos fatos, adotado pelo jornalismo factual, por sua própria natureza, corre o risco de perder o apelo se não passar também, a exemplo do jornalismo literário, a explorar o potencial da parceria bem sucedida entre palavras e imagens. Para uma cobertura jornalística, o profissional passa a ter a missão de modificar a rotina cotidiana da vida, ou seja, de ter a sensibilidade de transformar os detalhes em grandes matérias.

Mesmo com toda a carga de passionalidade, os jornalistas esportivos não devem se esquecer da responsabilidade social que ele adquire ao assumir um compromisso de escrever em um veículo de comunicação, seja um texto para a TV, o rádio ou para um jornal. O repórter deve comprometer-se em ser isento ao apresentar todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos e nem torcer por time algum nas entrelinhas. É trabalhar com a dose de paixão característica

deste segmento, mas sem deixar que suas preferências pessoais contaminem o andamento profissional.

Seguindo os preceitos básicos da ética jornalística, o êxito da fórmula em questão é conseqüência natural. A tendência é experimentar a reformulação estética do jornalismo em outras editorias, tal como tem feito em algumas de suas matérias o repórter Pedro Bial, poeta nato e grande precursor do estilo literário no telejornalismo convencional. Como exemplo notório de um de seus últimos trabalhos literários, cabe citar a cobertura, em Roma, da morte do papa João Paulo II em 2 de abril deste ano.

O mérito pelo o pioneirismo da inserção do gênero literário na televisão, incumbe ao jornalismo esportivo a obrigação de ser muito bem elaborado não só esteticamente, primando pela perfeita arquitetura do texto, como também honrar com os preceitos éticos que norteiam a profissão. Assim sendo, pode-se considerar o mérito dos índices de audiência.

Se perpetuado, o sucesso da narrativa discursiva na televisão, incitará sem dúvida, a propagação desse formato inovador nas demais áreas do jornalismo, ultrapassando a esfera da editoria de esportes. Mas, mais do que discutir o futuro do rótulo em questão, é importante atentar o telespectador para o ineditismo do tema para que ele por si só se situe com clareza e senso crítico diante das mudanças recentes experimentadas pelo telejornalismo.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1997.
- CAPPELLANO, Renata. **O Torcedor de Futebol e a Imprensa Especializada**. Juiz de Fora: FACOM, 1999.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Paixão e Política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. Tradução.: São Paulo: Perspectiva, 2004.
- LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1986.
- LEMINSKI, Paulo. **Forma é poder**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 04 jul.1982. Folhetim.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Editora Manole, 1995.
- LINO, Teodoro Castro. **Futebol através dos tempos**. Portugal: Serviço de Recursos Editoriais, 2002.
- NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2002.
- NOGUEIRA, Armando. **O Homem e a Bola**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.
- MATTELART, Armand & Michèle. **O Carnaval das Imagens: a ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SENRA, STELLA. **O último jornalista: Imagens de Cinema**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar**. São Paulo: Summus, 1994.
- SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- WISNIK, José Miguel. **Ilusões perdidas**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- XAVIER, Ismail. **O Olhar**. São Paulo: Schwarcz, 1988.

## 8. ANEXOS

### ANEXO A:

**Reportagem:** Régis Rõesing

**Programa:** Globo Esporte

**Data:** 07/11/2005

**Assunto:** Jogo Botafogo X Flamengo

#### **Chamada Apresentador:**

O Botafogo caiu para a 11ª posição. O Flamengo saiu da zona de rebaixamento. O vencedor foi aquele que soube traduzir para o gramado o significado da palavra confiança.

#### **Corpo da Matéria:**

##### **Sobe Som:**

Vestiário

##### **OFF:**

A crença na sinceridade afetiva demonstrada pelos titulares, proclamada por um reserva; o zagueiro Fernando

##### **Sobe Som:**

“Eu vejo no olho de cada um, que um confia no outro. Isso é o que mais importa pra gente. De lá de cima, até o último que está no banco e o que ta fora do jogo. Um confia no outro e isso faz a gente vencedor.”

##### **OFF:**

Jogar Futebol ou Tae Kon Do, com Júnior e Jonilson, o Diego Souza mostra que não é preciso levantar tanto a perna. O Bill também.

Felipe Gabriel combina com Júnior que não combina com Josafá. Surpreso fica o Reinaldo ao se deparar com o Diego.

Quase que o Juca faz a cabeça do Rodrigo de Bola. Alex Alves obriga Diego a saltar.

O goleiro do Flamengo vê o André Santos a própria trave carimbar. Com apenas uma das mãos Rodrigo tira Alex Alves da jogada e é expulso.

E lá vem aquele que falou em confiança para o lugar de Júnior, que divide com Diego a responsabilidade pelo 14º gol do Alex Alves no Brasileiro. 1 a 0 Botafogo aos 40 minutos.

E o empate de Felipe Gabriel não aconteceu no 1º tempo por um tapinha de Lopes.

Por causa do Ricardinho, Diego fica em apuros no 2º tempo. Ele se livra sem precisar tocar na bola. Também quando enfrenta Reinaldo e o “Confiante Fernando” perde a chance.

Sem olhar para o gol é difícil, Souza! Ser derrubado na área por Rafael Marques é pênalti! É fácil para o Renato marcar o 10º gol dele no campeonato. 1 a 1 aos 20 minutos.

Logo em seguida, aos 24, a insistência do Diego Santos contra o Glauber foi tão grande que o Lopes abriu as pernas e o rui fechou. Resultado: virada! 2 a 1.

O capitão do Flamengo arranca, acelera até cruzar a linha de chegada da grande área do Botafogo.

### **Passagem:**

Nos acréscimos Leonardo Moura entrou na área do Botafogo e colocou marcando o 3º gol.

\_ Pára aí, Joel, quê isso? Se assustou? Vamos de novo.

Marcando o 3º gol. Não quer falar, pede calma, mas está feliz. Depois dessa partida o Flamengo deixa de ter o pior ataque do Campeonato Brasileiro. Flamengo 3, Botafogo 1.

### **OFF:**

Enfim sós! Só faltou Leonardo Moura dizer isso porque teve metade do campo só para ele e a bola. E o Botafogo com um a mais em campo, mas como ninguém ligou, ninguém chegou, ninguém marcou, o lateral estufou a rede e o peito do treinador.

### **Sonora:**

\_ “Bota a mão aqui no meu coração, eu tô tranquilo, rapaz!”.

### **OFF:**

Quem não está é o ex-presidente do Botafogo, Carlos Augusto Montenegro, diretor de futebol do clube a apenas 11 dias.

**Sonora:**

\_ “Falta de vergonha na cara, falta de vergonha com a torcida e a camisa do Botafogo. A impressão que me deu é....infelizmente, é ruim a gente falar isso que tentaram ajudar um irmão e entregaram o jogo ao Flamengo. Não tem outra explicação! Vamos resolver quem vai continuar no Botafogo ainda nestes últimos cinco jogos”.

**OFF:**

Um desgosto profundo que Renato só teria.....

**Sobe Som:**

\_”Se faltasse um Flamengo no mundo”.

**Fim de áudio.**

**ANEXO B:****Reportagem:** Fernando Rocha**Programa:** Globo Esporte**Data:** 09/11/2005**Assunto:** Jogo Corinthians X Santos**Chamada Apresentador:**

E atenção para a contagem regressiva: o Corinthians faz 7 gols nos Santos, continua a 6 pontos na frente e agora só faltam 5 jogadas para o time conquistar o tetra.

**Corpo da matéria:****OFF:**

É a vida...o trabalhador sai de casa e se despede da filha para começar sua jornada, debaixo de sol forte.

Outros trabalhadores também esperam um igual dia difícil. É porque tanto os de camisa branca, como os de camisa listrada querem a mesma coisa.

**Sonora:**

\_ “Tem que ganhar. A obrigação é sempre de ganhar!”.

**OFF:**

O chefe dos de camisa branca que também usa camisa branca para dar sorte, não imaginava tamanha dedicação. O erro alheio vira acerto próprio. O trabalhador aplicado, Tézé, serve Rosinei e é o que basta! 1 a 0 Corinthians, antes de 1 minuto.

**Sobe Som:**

Torcida

**OFF:**

Mas o Santos também não precisa vencer de qualquer maneira? Então...

**Sonora:**

\_ “Tem que vencer, de qualquer maneira não! Tem que jogar inteligentemente”.

**OFF:**

Tranqüilamente, exatamente como Jeílson percebe e consegue! É o empate santista. 1 a 1. Mas é só o começo! Sabe aquele funcionário dedicado, que faz tudo certinho? Pois então, agora é ele que recebe de Rosinei e ele, portanto, que marca e desempata. 2 a 1 Corinthians. Já seria esse um resultado normal para um dia de trabalho clássico, mas o calor paulista, o domingo de sol e as possibilidades abertas deixam claro que não é só isso. E quando o exemplar Tévez recebe, gira e acerta, ele de novo, transforma o placar. 3 a 1. Já é o bastante, acabou, pro Santos ainda tem jeito?

**Sonora:**

\_ “Tem sim, não acabou, ainda falta mais 45 minutos mais os acréscimos ainda”.

**OFF:**

Pro Santos, antes não faltasse mais nada porque o 2º tempo começa mais difícil ainda. Sem Rogério, expulso tentando parar o trabalho corrido de Tévez. Difícil com 11, imagina com 10. Ainda mais com esse 10! De novo ele percebe e recebe de Nilmar. O lançamento é em posição irregular.

**Sobe Som:**

\_ “A jogada era de impedimento. Ele está um pouco adiantado”.

**OFF:**

O gol é confirmado e o placar aumentado. 3 vezes Tévez, 4 a 1 Corinthians. E nem demora porque quando Saulo solta essa bola, Nilmar enche o pé e a mão também. 5 a 1. Resultado feito, o operário padrão pede para sair mais cedo do trabalho. Quer ver a filhinha Florença, comentar dos gols que fez, falar pra ela o que achou mais bonito.

**Sonora:**

\_ “El tercero. Acho que foi tercero”.

\_ Foi pra Florença aquele?

\_ “Todos foram pra Florença!”.

\_ Todos?

\_ “Todos”.

**OFF:**

Só que pro desespero do Santos ainda tem mais jogo e tem jogo que entrou no lugar de Tévez e faz como Tévez.

E nesse passe Nilmar marca que uma mão cheia já não dá mais. 6 a 1.

Agora acabou né? Não falta essa falta: Marcelo Matos faz o 7º.

**Sonora:**

\_ Você lembra de ter tomado tantos gols em um jogo só?

\_ “Nunca, nunca, nunca. Isso nunca aconteceu”.

**Passagem:**

Um placar histórico, uma tarde inseqüível, a maior goleada do Campeonato Brasileiro até agora. 7 gols para o Corinthians, 6 pontos de diferença em relação ao 2º colocado. A 5 rodadas do fim vai ficando cada vez mais difícil imaginar outro campeão brasileiro que não seja o Corinthians, mesmo que os jogadores digam “ainda não, ainda não!”.

**Sonora:**

\_ “Ainda falta 5 jogos para terminar o Campeonato, 15 pontos para disputar ainda, então temos que ter a cabeça no lugar e saber que a gente não ganhou nada ainda”.

**Sonora:**

\_ Já é campeão, Tévez?

\_ “Não, não”.

**Sonora:**

\_ Pra você, quem vai ser o campeão?

\_ “Pra mim? Com certeza, se a gente manter essa pegada, o Corinthians!”.

**Fim de áudio**

**ANEXO C:**

**Reportagem:** Régis Rõesing

**Programa:** Globo Esporte

**Data:** 26/10/2005

**Assunto:** Teste de Árbitros da FIFA

**Chamada Apresentador:**

Trinta e oito árbitros se reuniram na Universidade da Força Aérea do Rio de Janeiro. Numa série de testes para o quadro da FIFA. Para uma assistente a prova foi uma tormenta.

**Corpo da matéria:****Sobe Som:**

\_ “Faz o teu melhor, o teu melhor, é o teu limite!”.

**OFF:**

Não é preciso enxergar a cruz sendo carregada para se notar quando alguém está vivendo um calvário.

**Sobe Som:**

\_ “Este é o teu estímulo. Um minuto, vamos! Vamos nega, vamos nega! Um minuto! Tu achou que ia parar duas voltas atrás. Vamos, vamos! Um minuto, Aninha. Por nós, vamos!

\_ “Não dá!”.

\_ “Por nós, vamos! Tu me falou que não dava um minuto atrás”.

**OFF:**

Se não suportar o sofrimento físico, a pernambucana, Ticiane de Lucena Falcão Martins, de 29 anos, vai deixar de ser arbitra assistente da FIFA. O árbitro gaúcho, Leonardo Gaciba da Silva, de 34 anos, também da FIFA, é o responsável por Ticiane completar a prova.

**Sonora:**

\_ “Calminha, calminha! Falei que tua ia conseguir”.

**OFF:**

Mas Ticiana vai precisar de muito mais que aquilo que Leonardo vai pedir.

**Sonora:**

\_ “Água! Água!”.

**Sonora:**

\_ “Deixa eu me deitar?”.

**OFF:**

Exausta, com dificuldade para respirar, Ticiana recebe imediatamente máscara de oxigênio. E com o pronto atendimento médico do Corpo de Bombeiros, Ticiana recupera as energias.

**Passagem:**

Em 12 minutos, os homens têm que correr no mínimo 2700 metros e as mulheres 2400. No teste que avalia a resistência e a capacidade aeróbica de quem apita, a Comissão de Desportos da Aeronáutica quer ver os árbitros voando baixo.

**OFF:**

Tiros curtos de 50 metros e um pouco mais compridos de 200 deixaram muitos árbitros de boca aberta.

A insistência em manter a cara de poucos amigos encontrava resistência. Ô, Wilson de Souza Mendonça, dá um sorrisinho. Isso! É melhor rir para não quase chorar, como Héber Roberto Lopes.

Preparou, arrancou, se transformou. Um assistente que carrega a profissão no sobrenome; Eric Bartolomeu Antas e Silva Bandeira.

**Sobe som:**

\_ ”Tem que ser, né? Então...”.

**OFF:**

Então, acredite! Evandro, Rogério, Roman é a mesma pessoa, apesar das muitas faces. Tô cheio, tô feio, tô meio cansado.

A válvula de escape do esforço deixou claro que faltaram apitos para tantos sopros.

**Sonora:**

\_ “Uma vaga do Edílson Pereira de Carvalho, eu foi eliminado do quadro e uma vaga do Márcio Rezende de Freitas, por idade, que sai também”.

**OFF:**

Os nomes serão anunciados na próxima semana.

**Sonora:**

\_ “Eu acho que os árbitros deram de relho neste teste físico”.

**OFF:**

Mas duas apanharam. De uma contratura muscular na panturrilha, a assistente paranaense, Sueli Terezinha Tortura, e, da exaustão, a assistente pernambucana, Ticiane de Lucena Falcão Martins. Dependem agora de autorização da FIFA para um novo teste.

E para recuperar a credibilidade: esforço e união.

**Sobe Som:**

\_ “Este é o teu estímulo! Faz o teu melhor, o teu melhor, é o teu limite!”.

**Fim de áudio**